

Mãe e filha vivenciaram experiências incríveis. Para Gaia, os prós da situação eram extraordinários. Por mais que fosse uma criança e não tivesse noção das experiências que obteve, conviveu com uma multiplicidade enorme de culturas antes dos 6 anos. “Imagine você, uma criança, percebendo lugares tão diferentes uns dos outros como: Índia, Grécia, Alemanha, Tailândia, Espanha e Chapada Diamantina,” expõe Gaia.

Mas, infelizmente, os perrengues existem, e Lia brinca que a hora de carregar as malas era um desafio. Ela acredita que o medo é sempre o mesmo e pode acontecer em qualquer lugar, o de ser violentada sexualmente, ou roubada, e isso poderia acontecer com qualquer um.

Na Índia era mais seguro, estar com uma criança era visto como algo sagrado, ela só não podia mencionar que era mãe solo. Mas o maior desafio, de fato, foram as doenças infecciosas e intoxicações. “Pegamos várias doenças que não identificamos, por isso tivemos que tomar muitos remédios, com medo de que algo pior pudesse acontecer,” descreve Lia. Ela diz que, se pudesse fazer algo diferente, viajaria mais, mas reforça que viajar com uma criança é uma enorme responsabilidade, que não pode ser romantizada.

O aniversário de 5 anos da Gaia aconteceu em uma vila no norte da Tailândia, entre Laos e Vietnã. Lá, as pessoas eram budistas e, na época, estava acontecendo um festival onde se acendiam lanternas de papel deixadas para voar no céu, iluminando tudo. “Organizamos uma festa para ela, apareceram crianças de todo o lugar do mundo, acendemos cinco lanternas e cumprimos a tradição que diz que, se colocamos todos os nossos sonhos nas lanternas, elas voam alto para o céu, fazendo com que a divindade as escute”, lembra Lia.

Exemplo seguido

Gaia diz que essas viagens definiram a mulher que ela é hoje e para o resto da vida. “Ainda sou jovem, mas observo que sempre fui independente e desapegada, assim como minha mãe, mesmo depois de viver 13 anos em Brasília. Na verdade, não me sinto pertencer a nenhum lugar, mas, sim, a muitos. É completamente natural para mim, não é nenhum problema, me tira o peso de ter que estar em qualquer lugar, porque aprendi a fazer o meu ‘lar’ onde quer que eu esteja.”

Lia finaliza dizendo que essas experiências fazem com que você tenha confiança em você e nos seus instintos. Mesmo com uma criança, não permita que os medos sejam maiores e, claro, sempre com a mentalidade de que a prioridade é a segurança da criança.



a estudante Luyara Sayure, 20, com o filho Leonardo de apenas 1 ano

O amor em estar sozinha

Ed Alves/CB



Às vezes, descobrimos que estar sozinha é necessário, independentemente de viagens e experiências. No ano passado, a estudante Luyara Sayure, 20 anos, saiu da casa que dividia com o namorado para morar apenas com o filho de 6 meses. Por viver um relacionamento complicado, achou melhor para sua saúde mental aprender a viver sozinha, por mais desafiadora que a experiência fosse.

No começo, ela relata que era muito difícil lidar com a solidão e as responsabilidades diárias de um bebê pequeno. “Morar sozinha com uma criança é bem difícil, requer atenção para tudo, até para tomar banho é desafiador.” Ela também menciona a questão financeira, tudo é um gasto e isso reflete muito no bem-estar.

Porém, Luyara segue dando conta de tudo com firmeza. Sua visão de mundo mudou completamente, diz que saiu da sua bolha e se sente “enfrentando o mundão”, com a sensação de que as responsabilidades vão ficar maiores. Por estar sozinha, essa percepção fez com que ela se enxergasse com mais clareza. Por ser muito nova, relata que, às vezes, as situações assustam. Mas diz que aprendeu a ficar mais calma, confiar em si mesma e criou mais maturidade para lidar com as questões da vida.

Não muito diferente das experiências vividas por outras mulheres, ela se viu em situações inesperadas e, com força, determinação e muita vontade,

hoje, consegue se sentir satisfeita consigo mesma e todos os dias aprende algo novo com o filho.

Estar sozinha como mulher é se desprender dos estereótipos e caixinhas ideológicas em que o feminino é colocado. E mulheres como estas são essenciais para mostrar que a solidão é possível, muito bem-vinda e não tem absolutamente nada de errado viver assim.